



Recebido em: 07/06/2020

Aceito em: 14/09/2020

**Cristianismo e a glamourização do militarismo na sociedade imperial romana. A importância do modelo do "cristão/soldado" para o sucesso do proselitismo das primeiras comunidades cristãs.**

**Christianity and the glamorization of militarism in the roman imperial society. The importance of the "christian / soldier" model for the success of the proselytism of the first christian communities.**

Daniel Soares Veiga<sup>1</sup>

Doutor (PPGH/UERJ)

<http://lattes.cnpq.br/6808655301090296>

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa consiste em analisar o impacto e a influência que o fascínio pelo militarismo, latente na sociedade imperial romana, exerceu sobre a ritualística dos primeiros cristãos urbanos e de como estes reinterpretaram e ressignificaram este fetiche pelo universo militar, transformando-o em um veículo eficaz para propagação da sua mensagem religiosa. A reformatação dos valores inerentes ao simbolismo da guerra e da disciplina militar dentro do universo mágico de curas e exorcismos dos primeiros cristãos não só evitou que esta mentalidade belicista se tornasse um empecilho para a sobrevivência do cristianismo, como acabou se tornando um atrativo responsável pela conversão de inúmeros indivíduos a esta nova religião.

**Palavras-chave:** exército romano, cristianismo, êxtase religioso, exorcismos, xamanismo.

---

<sup>1</sup> Doutor pelo Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, tendo defendido a tese intitulada "Jesus: uma análise do processo histórico que culminou na sua divinização pelo evangelho de João, dentro do contexto da sociedade imperial romana", sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Regina Cândido. Ano de obtenção: 2018.

**Abstract:** The aim of this research is to analyze the impact and influence that the fascination with militarism, latent in the roman imperial society, had on the ritualistic of the first urban Christians and how they have reinterpreted and reassigned meaning this fetish for the military universe, changed it into a effective medium for spreading your religious message. The reformatting of the values inherent in the symbolism of war and military discipline within the magical universe of healing and exorcisms of the early Christians not only prevented this warmongering mentality from becoming an obstacle to the survival of Christianity but ended up becoming an attractive responsible by the conversion of countless individuals to this new religion.

**Key-words:** roman army, Christianity, religious ecstasy, exorcisms, shamanism.

Iniciamos este artigo tendo em mente que abordar o tema do Império Romano ou da romanização sem nos remetermos à sua enorme força militar e suas famosas legiões é uma tarefa quase impossível. Afinal, não haveria império romano sem conquistas territoriais e estas, por sua vez, só foram possíveis graças à formidável máquina de guerra montada pelos romanos sobretudo a partir do século III a.C., com a vitória de Roma sobre Cartago na Primeira Guerra Púnica (264-241 a.C.), quando o poder das forças militares romanas começou a se tornar avassalador. Rafael de Abreu e Souza ressalta que a civilização romana ganhou destaque ao longo das eras pela sua característica militar. O poder do exército romano se consolidou em meados do século I a.C. quando ele se profissionalizou, deixando de ser uma milícia cidadina recrutada anualmente para uma certa campanha, sendo dissolvida logo a seguir, para tornar-se um exército permanente (SOUZA, 2004:446).

Originalmente, havia uma simbiose entre ser cidadão romano e integrar o exército, haja vista que somente os cidadãos romanos (cidadãos com posses, diga-se) tinham a honra de serem convocados para compor suas fileiras. Apenas a partir de 111 a.C., o exército romano passou a congregar elementos estrangeiros, primeiro das províncias itálicas (isto é, fora de Roma), e mais tarde, pessoas das mais diversas regiões do Mediterrâneo. De acordo com João Marcos A. Marques (2017), a expansão das áreas de recrutamento para fora de Roma em direção às fronteiras nos dois primeiros séculos da era cristã é comprovada pelo número de inscrições de lápides de soldados. Somente no século I d.C. foram descobertas quatorze inscrições lapidares apontando para a presença de tropas na Síria e no Egito. No século II d.C., este número quase dobra e nós encontramos vinte e sete inscrições em lápides de soldados nas mesmas regiões da Síria e do Egito (MARQUES, 2017:26).

Tal mudança serviu como um meio de incorporação de estrangeiros à cidadania romana, seja acolhendo-os como forças auxiliares às legiões (infantaria ligeira – as *coortes*), seja absorvendo-os dentro da própria legião romana. É mister frisar que, apesar da sua abertura, somente cidadãos podiam ingressar nas legiões. A prestação do serviço militar deixou de ser um serviço rotativo de todos para se transformar no serviço permanente de alguns. O imperador Otávio Augusto chegou a reunir sob seu governo nada menos do que 28 legiões. Foi no seu reinado, em 5 d.C., que o tempo de prestação do serviço militar passou a ser de 25 anos. (SOUZA, 2004:446-447).

Como uma unidade de infantaria pesada, cada legião era composta por soldados protegidos por uma couraça e um capacete de metal, um grande escudo retangular e côncavo (*scutum*), uma lança curta de arremesso (o *pilum*) e uma espada curta de duplo gume (o gládio) para o combate corpo-a-corpo. (SOUZA,

2004:447). Complementando a infantaria, havia a cavalaria, composta por cento e vinte homens.

A presença do exército nas cidades de Roma se fazia sentir por meio da Guarda Pretoriana, a tropa de elite do exército romano, responsável pela segurança dos imperadores, e também por intermédio das chamadas Coortes Urbanas, uma fração do exército que desempenhava a função de polícia, responsável por manter a ordem nos centros urbanos e reprimir sublevações. Outro segmento do exército que se fazia atuante nas cidades era o dos Vigilantes (os *Vigiles*). Criado por Otávio Augusto no ano 6 d.C., tinha como missão cuidar da vigilância noturna, além de servirem como um grupo de bombeiros permanente, uma vez que naquela época os incêndios já eram bastante recorrentes. (MARQUES, 2017:22-23).

A partir da instauração do principado (século I a.C.), tornou-se comum entre os romanos a idealização da imagem do soldado romano como aquele que tem força e poder para vencer os inimigos. E há uma explicação simples para isto. Afinal, as legiões romanas eram reconhecidas e temidas como a mais poderosa máquina de guerra que o mundo jamais havia visto. Suas vitórias nos campos de batalhas e as centenas de povos conquistados ou exterminados pela força das armas do exército romano eram fatos indiscutíveis e de conhecimento público. O soldado/legionário romano era considerado pelo senso comum como invencível; *Invictus* em latim<sup>2</sup>.

Figura controversa, o soldado romano, ao mesmo tempo em que era temido por sua ferocidade desenfreada, também era, de certo modo, admirado por uma parcela considerável da população, dentro e fora de Roma. E o motivo desta admiração se explica pelo modelo de vida regrada, disciplinada e frugal que muitos cidadãos enxergavam nos soldados. Conforme Rafael de Abreu e Souza (2004) ressaltou, a *disciplina militaris* demandava obediência e requeria uma austeridade masculina que tornava o soldado (teoricamente) avesso à luxúria e a todos os tipos de vícios. No imaginário popular, o bom soldado era aquele que permanecia celibatário pelo maior tempo possível<sup>3</sup>. (SOUZA, 2004: 453).

Neste ponto, podemos vislumbrar um denominador comum com a ética e as exortações morais apregoadas por Paulo em suas epístolas, onde ele recomenda veementemente que os cristãos se afastem de todas as pessoas que pratiquem quaisquer tipos de vícios ou má conduta. Em Rm 1:28-32 e 1 Cor 5:9-13, Paulo admoesta a todos os cristãos que evitem se aproximar de todo indivíduo que tenha uma conduta repreensível: beberrões, ladrões, impudicos, mentirosos, assassinos,

---

<sup>2</sup> Esta percepção do soldado como invencível o aproximará de certos personagens da mitologia clássica, como Hércules, que em muitas localidades era cultuado em templos e santuários e tinha o epíteto de *Invictus*.

<sup>3</sup> Evidentemente, trata-se de uma idealização, pois sabemos que soldados frequentavam comumente prostíbulos, muitos localizados inclusive bem próximos dos acampamentos militares.

que praticam incesto, etc. Em 1 Cor 7:32-34, Paulo aconselha os cristãos solteiros a permanecerem celibatários, a fim de que possam se dedicar com mais afinco às suas tarefas missionárias; o mesmo comportamento que se esperava de um soldado romano, sempre pronto para a batalha sem precisar se preocupar com esposa ou demais afazeres domésticos.

Há um comentário interessante feito pelo historiador Tácito, onde ele escreve que o soldado romano se corrompe quando entra em contato com os civis. (Tácito. *Histórias* 153.45). No fundo, o que Tácito está afirmando é que o soldado romano era, a princípio, de natureza incorruptível e, portanto, digno de admiração por sua moral elevada e seu estilo de vida austero; apenas se degradando quando ele se imiscuía na vida cotidiana dos civis que gravitavam ao seu redor. É a partir daí que devemos compreender uma outra observação feita por Tácito, qual seja, de que a *thymos*, a “nobre fúria” dos soldados, necessária no campo de batalha, se transforma em selvageria descontrolada. (SOUZA, 2004: 457). Tácito estaria falando a partir do olhar de um civil que assiste, com desagrado, os soldados se envolverem diretamente nos assuntos cotidianos de responsabilidade exclusiva dos cidadãos.

Este modo de interpretar é corroborado pela maneira como os platônicos, por exemplo, enxergavam os soldados. Segundo Plutarco, os soldados eram cidadãos dotados de habilidades naturais que, no exercício do seu ofício, propiciavam aos demais cidadãos a possibilidade de se dedicarem plenamente, sem preocupação, aos seus afazeres; o que correspondia ao ideal platônico da república. Em outras palavras, para Plutarco e os platônicos, os soldados cumpriam uma função sagrada, pois eram eles que garantiam a ordem e a paz na sociedade. (SOUZA, 2004: 458).

Podemos dizer que a fetichização dos romanos pela figura dos soldados foi se galvanizando com a prática das marchas triunfais, celebradas pelos generais que regressavam vitoriosos do campo de batalha após subjugarem os inimigos. Segundo Bruno Miranda Zétola (2006), a celebração dos triunfos foi uma constante na sociedade romana até se tornar um traço cultural desta sociedade na medida em que remetiam à noção de *virtude*, presente no *mos maiorum*; sendo este o conjunto de costumes e tradições que pautavam o ideal de vida do povo romano. O historiador Tito Lívio (59 a.C. – 17 d.C.) escreveu que a história do povo romano era fundamentalmente uma história de vitórias e conquistas militares; tradição que, consoante Tito Lívio, teria se originado com Rômulo, quando este derrotou os ceninses.

Depois, quando o exército vencedor regressou, Rômulo, não só esplendoroso pelas suas ações, mas não menos desejoso de ostentar estes feitos, sobe ao Capitólio levando os despojos do chefe inimigo morto, suspensos num férculo feito expressamente para este fim (...) “Júpiter Ferétrio”, disse, “eu, Rômulo, rei vencedor, trago estas

armas de um rei, e consagro-te este recinto sagrado, neste espaço que há pouco mentalmente delimitiei, para sede de opulentos despojos que, mortos reis e chefes inimigos, os vindouros, seguindo meu exemplo, te trarão". (Tito Lívio. *História de Roma desde a sua fundação*. I.10.5-7. Apud. ZÉTOLA, 2006:37).

Quanto mais monumental fosse o triunfo, quanto mais pomposo e impactante fosse o desfile, mais se engrandecia o poder do general ou do imperador, aumentando o seu prestígio na sociedade. Um dos desfiles triunfais mais memoráveis foi aquele em honra do general romano Paulo Emílio, que celebrava sua vitória sobre o rei Perseu, da Macedônia, em 168 a.C. Ele durou três dias. (ZÉTOLA, 2006:40).

Uma das premissas requisitadas para que o comandante militar vencedor fizesse jus ao triunfo era que ele tivesse provocado um incontável número de mortes entre os combatentes do povo conquistado. O cerimonial da procissão triunfal cumpria, sobretudo, uma função narrativa cuja lógica discursiva visava a enaltecer as vitórias militares obtidas por indivíduos importantes. Neste sentido, compreendido como um discurso diluído na cerimônia, o desfile triunfal romano apresentava sempre um certo padrão, trazendo consigo a forma de uma narrativa "cívico-ostentatória" (ou seja, uma narrativa que enfatizasse o orgulho de ser cidadão romano), pelo qual ele pudesse ser entendido como um evento glorioso.

De acordo com o Bruno M. Zétola, a marcha triunfal era, acima de tudo, um discurso mobilizador fundamentado em recursos imagéticos inteligíveis ao seu público-alvo. Como um meio de comunicação, sua linguagem era clara e acessível aos seus destinatários. (ZÉTOLA, 2006:36).

Por exemplo, uma das práticas comuns nos triunfos era a exibição ao público dos chefes vencidos, que ficavam expostos a todo tipo de humilhação que a plebe romana lhes desejasse infligir. Logo atrás, vinha o general vencedor, transportado numa biga. Para complementar a magnificência do triunfo, estátuas, monumentos e cronistas oficiais perpetuavam a vitória do comandante militar. Por fim, e coroando o espetáculo, os soldados de infantaria encerravam o desfile, entoando hino aos deuses ou insultando os inimigos derrotados. A partir do baixo império, se iniciou o costume da *calcatio colli*, um ritual em que o triunfador literalmente pisava em cima os vencidos. (ZÉTOLA, 2006 :41).

No período da transição da república para o principado, a figura do imperador passou a encampar o ideário do general vitorioso. O soldado, ao ingressar no exército devia prestar o juramento de lealdade (*sacramentum*) ao imperador, um rito que conferia ao imperador o poder de vida e de morte sobre os soldados, assim como o direito de ordenar a aplicação de castigos corporais. João Marcos A. Marques (2017) frisa que este juramento era feito perante os deuses, portanto, além de ser um ato militar, ele era também uma cerimônia religiosa e devia ser recitado anualmente,

reafirmando os deveres e o comprometimento que cada soldado deveria ter para com o imperador e para com Roma. (MARQUES, 2017: 27).

Como a partir de Otávio Augusto, o imperador passou a ser também o primeiro dentre os generais, cabia ao soldado seguir suas ordens, o que acabava por forjar um forte vínculo entre eles; um laço que unia imperador e soldado e estabelecia as obrigações e privilégios deste; privilégios que eram a recompensa por seus sacrifícios pessoais. (SOUZA, 2004:451). O imperador desejava assim demonstrar às várias facções do exército que ele era comandante supremo; sobretudo da esfera militar. No decurso do tempo, quando um determinado imperador queria reforçar sua *auctoritas*, ele empreendia campanhas punitivas ou de conquistas que, ao término, deveriam resultar no triunfo perante seus concidadãos, onde ele era aclamado como guardião e protetor de Roma.

E como o cerimonial do triunfo, com sua linguagem visual apelativa, foi assimilado pela população? E de que maneira isso nos ajuda a entender a propagação do cristianismo? Não é um equívoco conjecturarmos que na sociedade romana e nos diversos povos romanizados vigorasse uma mentalidade militarista. Podemos conjecturar que para muitas pessoas dentro do Império Romano que buscavam por proteção por meio da magia contra forças sobrenaturais malfazejas, ou até contra inimigos reais, evocar a imagem do soldado como uma entidade protetora (afinal, ele é alguém forte e imbatível) faria todo sentido. A título de comparação, seria o correspondente a atual Oração de São Jorge (o santo guerreiro), tão conhecida entre os católicos. Não é à toa que a prece começa com os seguintes dizeres: “Andarei vestido e armado com as armas de São Jorge...”.

O pensamento epistemológico de Foucault nos é útil neste ponto ao demonstrar como o fetiche pelo poder, pelo desejo por uma autoridade ilimitada, perpassa as mais variadas camadas sociais, com o fetiche pelo poder e pela autoridade se ramificando desde o topo até a base da pirâmide social. Iremos analisar aqui, como ponto de partida, um episódio muito específico narrado nos evangelhos de Lucas e Mateus: a cura do servo do centurião.

**A cura do servo do centurião: uma história didática sobre a postura dos cristãos na hora de curar e/ou exorcizar – um modelo de como a microfísica do poder simbólico opera na sociedade.**

Este episódio é relatado nos evangelhos de Mateus e Lucas, estando ausente em Marcos, o que nos leva a inferir que ele provém da chamada *Fonte dos Ditos de Jesus* (a Fonte Q)<sup>4</sup> e, sendo assim, constitui material primitivo, anterior a Marcos, datando de meados do século I. O excerto abaixo foi extraído de Mateus:

---

<sup>4</sup> A Fonte Q (da palavra *Quelle*, fonte em alemão) é um documento hipotético reconstituído a partir das narrativas em comum existentes em Lucas e Mateus, mas que não existem em Marcos. A partir deste

Mas o centurião respondeu-lhe: “Senhor, não sou digno de receber-te sob o meu teto; ***basta que digas uma palavra*** e meu criado ficará salvo. Com efeito, também eu estou debaixo de ordens e tenho soldados sob o meu comando, e quando eu digo a um ‘Vai!’, ele vai, e a outro ‘Vem!’, ele vem; e quando digo ao meu servo: ‘Faze isto!’, ele o faz”. (...) Em seguida, [Jesus] disse ao centurião: “Vai! Como tu creste, assim te seja feito!” Naquela mesma hora, o criado ficou são. (grifo meu) (Mt 8: 8-9; 13)

Se prestarmos atenção, existem diversas passagens nos evangelhos onde Jesus, parecendo seguir o conselho do centurião, cura, exorciza e/ou realiza milagres proferindo apenas e tão somente uma única frase imperativa. Eis os exemplos:

Na ocasião, estava na sinagoga deles um homem possuído de um espírito impuro, que gritava dizendo: “Que queres de nós, Jesus Nazareno? Viste para arruinar-nos? Sei quem tu és: “O Santo de Deus”. Jesus, porém, o conjurou severamente: “Cala-te e sai dele”. Então, o espírito impuro, sacudindo-o violentamente e soltando um grande grito, deixou-o”. (Mc 1:23-26) (= Lc 4:35-36)

Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem poder de perdoar pecados na terra, eu te ordeno – disse ele ao paralítico – levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa. O paralítico levantou-se e, imediatamente, carregando o leito, saiu diante de todos... (Mc 2:10-12) (=Mt 9:6-7 e Lc 5:24-25)

Repassando então sobre eles um olhar de indignação, e entristecido pela dureza do coração deles, disse ao homem [com a mão atrofiada]: “Estende a mão”. Ele a estendeu e sua mão estava curada. (Mc 3:5) (=Lc 6:10)

Depois, aproximando-se, tocou o esquife, e os que o carregavam, pararam. Disse ele então: “Jovem, eu te ordeno, levanta-te!” E o morto sentou-se e começou a falar. (Lc 7:14-15)

Levantando-se, ele conjurou severamente o vento e disse ao mar: “Silêncio! Quietos!” Logo, o vento serenou, e houve grande bonança. (Mc 4:39) (=Mt 8:26 e Lc 8:24-25)

Com efeito, Jesus lhe disse [ao endemoninhado geraseno]: “Sai deste homem, espírito impuro!” (...) E os espíritos impuros saíram... (Mc 5:8;13) (=Mt 8:31-32 e Lc 8:28-31).

Tomando a mão da criança [a filha de Jairo, que havia morrido], disse-lhe: “*Talitha kum*”, o que significa: “Menina, eu te digo, levanta-te!” No mesmo instante, a menina se levantou e andava... (Mc 5:41-42) (=Lc 8:54-55)

Jesus lhe disse [ao cego, na saída de Jericó]: “Vai, a tua fé te salvou!”. No mesmo instante ele recuperou a vista e seguia-o no caminho. (Mc 10:52) (=Lc 18:42-43).

Depois, levantando os olhos para o céu, gemeu, e disse *Effatha*, que quer dizer: “Abre-te!” Imediatamente, abriram-se-lhe [do surdo-gago] os ouvidos e a língua se despreendeu, e falava corretamente. (Mc 7:34-35)

---

documento hipotético ficamos sabendo que Lucas e Mateus tiveram outra fonte além de Marcos (mais antiga do que este), que os ajudou a compor seus evangelhos.

Ele estendeu a mão e tocando-o [o leproso] disse: "Eu quero, sê purificado". E imediatamente ele ficou livre da sua lepra. (Mt 8:3)

Disse-lhe Jesus [ao enfermo de Betesda]: "Levanta-te, toma o teu leito e anda!" Imediatamente, o homem ficou curado. (Jo 5:8-9)

Diante do que vimos acima, como podemos usar o instrumental epistemológico de Foucault, contido na sua obra *Microfísica do poder?* Foucault nos adverte que não devemos tomar o poder como um fenômeno simplório de dominação de um indivíduo sobre outro, de um grupo sobre outros ou mesmo de uma classe sobre outras. É mister que se tenha consciência que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer a sua ação, nunca são o alvo inerte ou consentido do poder; são sempre centros de transmissão! Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos; passa por eles. Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo elementar, o átomo primitivo, matéria inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou esfaqueando-os.

Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder. Em outras palavras, o indivíduo não é **o outro** do poder; ele é sim um dos seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e, simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é o seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu. (FOUCAULT, 1981:183-184).

Baseando-nos no modelo epistemológico de Foucault, chegaremos à conclusão que os primeiros cristãos, como súditos do império romano que assistiam às paradas militares e que sentiam na sua vivência cotidiana toda pressão exercida pela apologia ao poder bélico das legiões romanas, eram atingidos e impactados no seu psicológico pela idolatria e pelo fetiche às armas e a toda panóplia de cunho militarista; sendo cooptados pelo gesto sedutor de submeter e de aniquilar o adversário. Contudo, estes mesmos cristãos, na lógica de Foucault, não eram átomos inertes de recepção de ideais impostos à força num sentido vertical. Estes cristãos também eram centros de transmissão; o poder os impactava, mas não morria neles; pelo contrário, se renovava com eles e através deles que, atuando como correias de transmissão, retransmitia-o à sua maneira. Entretanto, para que ele fosse retransmitido, era necessário a existência de outros destinatários, de receptores a

quem esses cristãos pudessem retransmitir o poder. Estando os primeiros cristãos precisamente na base da pirâmide social, eles o retransmitiam horizontalmente. Esses primeiros cristãos atuavam como correias de transmissão horizontal que, como potência centrífuga, reverberavam esta característica belicista do poder para pessoas que, estando elas também já cooptadas pelo fetichismo do militarismo transbordante, estariam predispostas a prestar atenção no que esses cristãos tinham a dizer, bem como nos seus gestos ritualísticos.

Enriquecendo os estudos de Foucault, Pierre Bourdieu (2011) escreveu que normalmente as classes dominadas incorporam os princípios de dominação impostos pelas classes dominantes; mecanismo pelo qual veem a imposição da força pelo dominador como algo não só legítimo, como natural. Os dominados naturalizam as categorias de dominação construídas pelos dominantes à medida em que eles absorvem essas categorias e, a partir de um dado momento, começam a reproduzi-las, aplicando-as ao seu cotidiano. A abordagem praxiológica desenvolvida por Pierre Bourdieu em sua obra intitulada *O Poder Simbólico*, tem como eixo o entendimento de que, se por um lado, os agentes sociais têm uma apreensão ativa do mundo, constroem visões de mundo que contribuem, de forma operante, para conservar ou transformar a sociedade; por outro lado, as ações desses agentes dependem das estruturas sociais já preexistentes, ou seja, do seu contexto objetivo. “Os ‘sistemas simbólicos’, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados”. (BOURDIEU, 2011:9).

A formação de uma comunidade religiosa, assim como toda associação composta por seres humanos numa sociedade, é produto da ação que os indivíduos exercem sobre si mesmos a partir da compreensão que eles têm do mundo. A identidade de uma determinada coletividade é elaborada a partir das ressignificações dos elementos referentes ao sistema cultural mais amplo, ao qual Bourdieu definiu empiricamente na sua praxiologia com o conceito de *habitus*.

O *habitus* é, portanto, a articulação dialética entre o ator social e a estrutura social que o envolve, através de princípios de ação e de reflexão, esquemas de percepção e de entendimento, sob a forma de estruturas subjetivas sempre dependentes da objetividade externa. Uma vez estruturado, o *habitus* não cessa produzir percepções, opiniões, crenças e gestos; enfim, um conjunto inesgotável de produções simbólicas. Os agentes sociais são produtos da história do seu tempo e das experiências acumuladas por eles na vivência daquele tempo. (BOURDIEU, 2011:70-71). Neste viés, podemos aferir que o campo religioso, em relação à estrutura social mais ampla que o contém, torna-se um microcosmo daquela estrutura.

Os atores sociais somente podem produzir, intelectualmente, quando têm diante de si uma matéria-prima que possa lhes servir de base. Na perspectiva de Bourdieu, esta matéria-prima é o *ethos*, o conjunto de valores ético-morais que ditam os preceitos do que é honroso e do que é vergonhoso naquela sociedade. Mas segundo Bourdieu, o *ethos* só exerce a sua força moralizante quando ele se torna uma prática corrente dentro daquela sociedade. E a prática corrente numa sociedade impregnada de militarismo é aquela onde o sujeito de autoridade emite uma ordem, concisa, direta e objetiva, na certeza de que seu ouvinte (no caso, o sujeito hierarquicamente subordinado a ele) irá cumprir prontamente a sua ordem, sem questioná-la e sem hesitar. Ocorre que esse *modus operandi* é filtrado e ressignificado pelas expectativas e pela visão de mundo de um determinado grupo, que confere a este grupo sua idiosincrasia, sua identidade própria.

Sigamos adiante, sem perder de vista que a matéria-prima (o *ethos*) do nosso estudo em foco é a militarização irresistível do império romano, que expande seu poder enquanto extermina os inimigos ou até seus próprios súditos quando estes se revoltam. Em vários afrescos e relevos, o imperador/general subjuga os vencidos representando-os prostrados em posições submissas. Tais cenas nos remetem às cenas dos exorcismos de Jesus, onde é dito que o obsidiado se prostra perante Jesus num gesto de súplica.

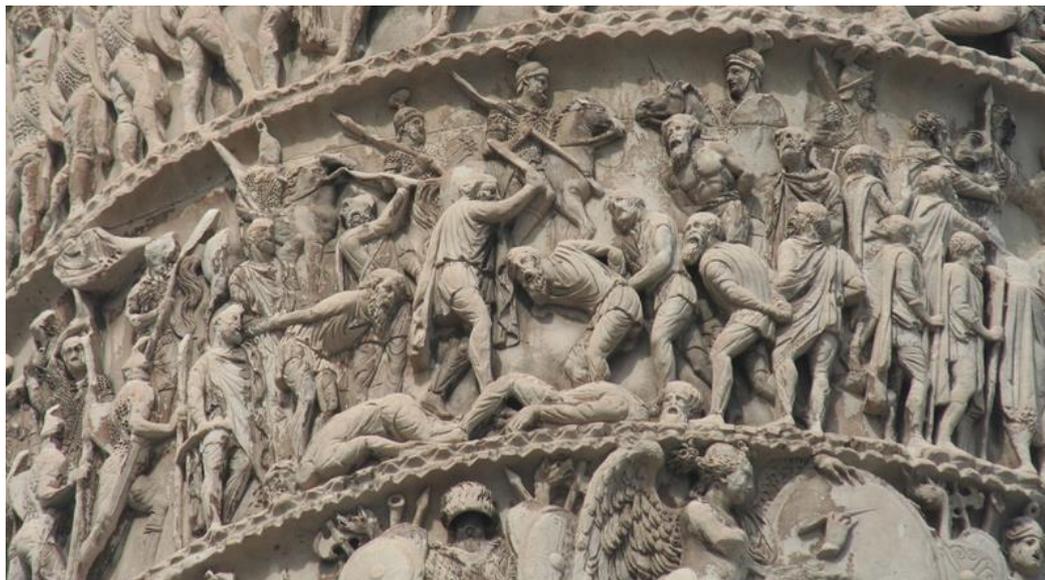
Ao ver Jesus, de longe, [o endemoninhado gersaeno] correu e prostrou-se diante dele, clamando em alta voz: "Que queres de mim, Jesus, filho do Deus altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes!". (Mc 5:6-7)

Esta cena é ricamente ilustrada no mosaico abaixo, descoberto numa basílica em Ravena:



**Figura 1:** Mosaico retratando a cura do endemoninhado geraseno. Basílica de Santo Apolinário. Ravena. SéculosV/ VI. Esta ilustração reproduz um episódio bíblico da cura do endemoninhado geraseno (Mc 5:1-20, Mt 8:28-34 e Lc 8:26-39). Reparemos como na imagem o sujeito possuído se prostra aos pés de Jesus, ou melhor, é o demônio que, possuindo o corpo do obsidiado, se prostra e com isso faz o sujeito se ajoelhar diante de Jesus.

Um dos autores patrísticos mais famosos, Justino, escreve acerca do exorcismo que *"todo demônio é exorcizado, vencido e submetido no nome daquele que é o Filho de Deus e primogênito de toda criatura..."* (Diálogo com Trifão 85.2). Percebe-se, lendo este trecho de Justino, que não basta o demônio ser exorcizado, ou seja, expulso da pessoa; ele precisa ser vencido e submetido, quer dizer, ele deve ser subjugado e humilhado, exatamente o que os comandantes militares faziam quando derrotavam o inimigo: o prendiam e o exibiam ao opróbrio perante o público. Uma cena em alto relevo da coluna de Marco Aurélio demonstra precisamente o momento em que legionários vitoriosos executam prisioneiros de guerra:



**Figura 2:** Legionários romanos executando os inimigos vencidos. Reparem como o inimigo prestes a ser morto é imobilizado e obrigado a se prostrar perante o soldado romano, bem como a expressão de pavor por ele externada. Escultura em relevo da Coluna de Marco Aurélio. Roma. Data: 176-193 d.C.

Tal pressuposto confirma o que dissemos acima, qual seja, que os pagãos, já cooptados pelo fetichismo do militarismo transbordante, estariam predispostos a aderir ao receituário cristão se eles assim entendessem que o poder advindo da ritualística cristã os transformassem, simbolicamente, em soldados em potencial, senão no sentido literal do termo, pelo menos no sentido metafísico, no qual o pagão recém-convertido teria acesso a armas (metafóricas) para combater não um adversário de carne e osso, mas sim uma entidade espiritual que corresponderia, no plano abstrato, ao guerreiro estrangeiro, bárbaro e cruel, que os legionários enfrentavam na vida real. É sob este prisma que devem lidos e interpretados certos escritos do Novo Testamento, como, por exemplo, o trecho contido na Epístola aos Efésios, com todo seu vocabulário calcado no uso de artefatos bélicos:

Finalmente, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos da **armadura** de Deus, para poderdes resistir às insídias do diabo. Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais. Por isso, deveis vestir a **armadura** de Deus, para poderdes resistir no dia mau e sair firmes de todo combate. Portanto, ponde-vos de pé e cingi os vossos rins com a verdade e revesti-vos da **couraça** da justiça, e calçai os vossos pés com a preparação do evangelho da paz, empunhando sempre o **escudo** da fé, com o qual poderei extinguir os **dardos** inflamados do Maligno. E tomai o **capacete** da salvação e a **espada** do Espírito, que é a Palavra de Deus. (Epístola aos Efésios 6:10-17). (grifo meu)

Lendo com atenção, notamos que neste simples relato neotestamentário são mencionados nada menos do que seis tipos diferentes de armamentos: armadura (2

vezes), couraça, escudo, dardos, capacete e espada. Estes eram precisamente os apetrechos que constituíam o arsenal do legionário romano. Pela mesma semiótica textual devem ser lidos as passagens de Segundo Timóteo, onde se diz que o cristão "*combateu o bom combate*" (2 Tm 4:7) e da Epístola aos Romanos, onde o cristão é exortado a se revestir da "*armadura de luz*". (Rm 13:12).

No Livro do Apocalipse, escrito no final do século I e dirigido às várias comunidades cristãs da Ásia Menor, está expresso que os eleitos (cristãos) que trazem na sua face o "selo" (uma tatuagem?), ficarão imunes da destruição promovida pelos cavaleiros, cujo objeto final é a aniquilação da Besta, ou seja, Satanás.

Vi também outro Anjo que subia do Oriente com o selo de Deus do Deus vivo. Esse gritou em alta voz aos quatro Anjos que haviam sido encarregados de fazer mal à terra e ao mar: "Não danifiques a terra, o mar e as árvores até que tenhamos marcado [com um selo] a fronte dos servos do nosso Deus. (Ap 7:2-3)

Estes cavaleiros são descritos como criaturas terríveis, capazes de infligir violência de uma forma assombrosa:

O número de cavaleiros do exército era de duzentos milhões: ouvi bem o seu número. Na minha visão, os cavalos e os cavaleiros tinham este aspecto: vestiam couraças de fogo, de jacinto e de enxofre; a cabeça do cavalo era como de leão e da sua boca saía fogo, fumaça e enxofre. Uma terça parte dos homens foi morta por estes três flagelos: o fogo, a fumaça e o enxofre que saíam da boca dos cavalos. O poder dos cavalos, com efeito, está em suas bocas e nas caudas; de fato, suas caudas parecem serpentes: têm cabeças com as quais causam dano. (Ap 9:16-19).

É digno de nota a simbologia do cavaleiro armado como agente do caos e da destruição. Em um estudo realizado por André L. Chevitarese (2003) em amuletos judaicos dos séculos III e IV, é frequente observarmos a figura de Salomão montado num cavalo, segurando uma lança enquanto subjuga um oponente caído no chão, num gesto de súplica. Estamos falando aqui de amuletos, ou seja, de objetos de cunho mágico cujo objetivo era proteger o seu portador contra quaisquer malefícios. Por que a imagem do cavaleiro foi selecionada para estampar esses amuletos? Chevitarese responde à pergunta com uma leitura semiótica muito interessante sobre esta iconografia:

Cavalos, carros de combate e cavaleiros eram atributos de autoridade e de poder. Os grandes impérios antigos, fossem eles do Mediterrâneo, do Egeu e do Próximo ou Médio Oriente detinham expressivo número de cavalos e nos seus exércitos a cavalaria gozava papel imprescindível na tática de guerra. (CHEVITARESE, 2003:82).

E agora caberia nos indagarmos: em que o autor do Livro do Apocalipse se inspirou para elaborar as imagens terríveis que ele descreve? Na mesma linha do professor André Chevitarese, Paulo Augusto de S. Nogueira responde que a

composição de tal cenário está associada com o âmbito da violência militar, possivelmente remetendo à grande destruição que as legiões romanas desencadearam na Judeia quando elas para lá foram enviadas a fim de reprimir a revolta dos judeus, e que culminou não só com o morticínio de milhares de judeus, mas também com a destruição do Templo de Jerusalém. Os relatos da violência e das atrocidades cometidas contra a população de Jerusalém e o Templo, ocorridas apenas poucos anos antes da composição da obra, ainda ecoavam e eram narrados com dramaticidade por toda a diáspora judaica (NOGUEIRA, 2003:235).

Em termos antropológicos, o *selo* aludido no capítulo sétimo do Apocalipse, gravado na frente dos crentes, deveria funcionar como um símbolo apotropaico. Ele não é apenas uma proteção, um “salvo-conduto” que garante que a vida do cristão não será ceifada quando os cavaleiros passarem por ele. Ele é um sinal mágico que confere ao seu detentor a certeza de que ele e os cavaleiros estão vibrando na mesma sintonia. Mais do que vibrar na mesma sintonia; os cavaleiros que destroem a Besta não são meros agentes *ex-machina* que entram em cena à revelia dos cristãos. Pelo contrário; a entrada deles em cena cumpre a função de satisfazer o desejo dos eleitos: “Até quando, ó Senhor santo e verdadeiro, tardarás a fazer justiça, vingando nosso sangue contra os habitantes da terra?” (Ap 6:10).

Neste caso, é como se os cristãos estivessem, de forma sub-reptícia, demandando pela ação dos cavaleiros. Por esta lógica, os eleitos passariam a ser os responsáveis pela atuação dos cavaleiros e, como responsáveis, isto significa que eles assumem (movendo-se dentro do silêncio do texto, do não-dito) o comando sobre esses cavaleiros armados.

Ora, o sentimento de estar assumindo o comando de (uma tropa?) de cavaleiros, isto é, de uma cavalaria, faria o crente se sentir na pele de um chefe militar. Entrementes, há um detalhe sobre o qual devemos prestar atenção: as passagens do Apocalipse em que se menciona “couraças de fogo” e da Epístola aos Romanos, em que Paulo exorta seus correligionários a se revestirem com uma “armadura de luz” (Rm 13:12). O significado dessas passagens nos revela que para o crente, o material ou a natureza do seu aparato militar devia ser de uma qualidade superior àquela usada pelos legionários romanos. Em vez de armaduras e couraças de aço ou bronze; as armas a serviço dos cristãos serão feitas de fogo e luz. É o tipo de armamento característico das hostes angelicais.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Na mitologia judaica não era raro que arcanjos e querubins fossem retratados empunhando espadas de fogo. No livro do Gênesis está escrito que, logo após a expulsão de Adão e Eva do paraíso, Deus colocou querubins armados com espadas de chamas fulgurantes para vigiar a entrada do Jardim do Éden. (Gn 3:24). No pseudoepígrafo judaico intitulado *Apocalipse de Moisés*, é mencionado um querubim que manuseava uma espada flamejante. (Apocalipse de Moisés XXVIII.3). No pseudoepígrafo cristão intitulado *Evangelho de Bartolomeu*, compilado provavelmente no século II, é dito que um anjo esbelto portava uma espada de fogo. (Evangelho de Bartolomeu I.23).

O desejo de se ter acesso a este tipo de armamento (acessível à primeira vista apenas às hostes angelicais) para poder blindar o seu corpo contra-ataques do inimigo (os dardos inflamados do Maligno – Ef 6:17), induzirá o crente ao estado de transe, onde ele se sente trasladado para um plano celestial.

Os estudos sobre xamanismo apontam que, durante o estado de transe, o xamã mortifica o seu corpo, de modo que ele se torne resistente a dor, ao sofrimento físico ou às necessidades físicas (sede, fome, frio); quase que invulnerável a ações externas. O transe, que resulta da busca pelo extático em blindar o seu corpo com armas espirituais, conduz o visionário em êxtase à sensação de blindagem corporal ocasionada pelo próprio processo do transe. Vejamos a postura do apóstolo Paulo na Segunda Epístola aos Coríntios. Primeiramente, ele relata todas as agruras pelas quais passou e resistiu.

Repito: que ninguém me considere insensato! Ou então suportai-me como insensato, a fim de que também eu possa me gloriar um pouco. O que vou dizer, não o direi conforme o Senhor, mas como insensato, certo de ter motivo de me gloriar. (...) São ministros de Cristo? Como insensato, digo: muito mais eu! Muito mais pelas fadigas, muito mais pelas prisões; infinitamente mais pelos açoites. Muitas vezes, vi-me em perigo de morte. Dos judeus, recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Três vezes fui flagelado. Uma vez apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto-mar. (..) Mais ainda: fadigas e duros trabalhos, numerosas vigílias, fome e sede, múltiplos jejuns, frio e nudez! (2 Cor 11:16-17; 23-24; 27)

O leitor há de estranhar como é possível alguém se orgulhar por ter sofrido tantas agressões físicas. Mais adiante, no mesmo texto, Paulo parece revelar o segredo de como suportou todas as suas provações:

Todavia mencionarei as visões e revelações do Senhor. Conheci um homem em Cristo que, há quatorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu – se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe! E sei que esse homem – se no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe! – foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir. No tocante a esse homem, eu me gloriarei; mas, no tocante a mim, só me gloriarei das minhas fraquezas. Se quisesse gloriar-me, não seria louco, pois só diria a verdade. (2 Cor 12:1-6)

O próprio Paulo, pressentindo a estranheza que suas palavras causariam nos seus leitores/ouvintes, reconhece que pela lógica do senso comum o seu orgulho não faz nenhum sentido, ou seja, é o sentimento de alguém que está fora do bom senso; por isso ele compreende que seu público o considere insensato. Entretanto, aquilo do que Paulo se orgulha não são as agressões, os espancamentos, nem as privações pelas quais passou. O que o faz verdadeiramente sentir orgulho é o fato do seu corpo ter suportado todos esses maus tratos e ter resistido, tal qual um guerreiro espartano no meio de uma batalha. A resiliência que o seu corpo possui para lidar até com os piores castigos é o que o deixa envaidecido. É o modelo ideal do guerreiro espartano do qual Leônidas e seus contemporâneos se orgulhariam. E é esta capacidade de

mortificar o corpo sem trepidar que distinguia o bom soldado; rígido, duro, que suporta bravamente os ferimentos do combate sem esmorecer.

E o apóstolo não esconde que o seu outro motivo de orgulho é o de ter sido arrebatado (ou nos termos do xamanismo, sofrido um transe extático) aos céus, possivelmente no seu próprio corpo, uma possibilidade que ele admite. Paulo faz questão de datar para seus leitores/ouvintes quando este fenômeno teria lhe ocorrido: quatorze anos atrás. Tendo a Segunda Epístola aos Coríntios sido redigida nos anos cinquenta, Paulo informa ao seu público que esta experiência se deu concomitantemente à época em que ele se converteu a nova fé. O êxtase religioso foi vivenciado pouquíssimo tempo após sua conversão. E foi logo depois da sua conversão que ele começou a sofrer todos os tormentos por ele mencionados. Há na epístola uma conexão literária entre as duas narrativas. Assim, sua firmeza corporal (e moral) está intrinsecamente associada com o transe místico por ele experimentado. É a mensagem que Paulo está querendo transmitir. E é a mensagem que seu público irá captar.

Recorreremos aqui a antropologia comparada para nos ajudar a entendermos melhor do que estamos tratando. A transformação do corpo do xamã, que o torna capaz de suportar grandes provações físicas, é atestada pela pesquisa antropológica. Mircea Eliade afirmou que durante a cerimônia de iniciação de um xamã é comum a ocorrência de certos sofrimentos físicos traduzidos numa forma de “morte iniciática” (evidentemente simbólica) que, em certas culturas, se expressam na sensação de “despedaçamento do corpo”, seguido pela renovação dos órgãos internos, operada pelos espíritos ou deuses.<sup>6</sup> (ELIADE, 1998:49-51).

Pesquisando as práticas xamânicas do povo iacuto (povo de origem turcomana), Mircea Eliade registrou que o candidato a xamã poderia ficar numa condição de “quase-morte” por um período que poderia durar até uma semana, com a sua respiração suspensa, enquanto era mantido num local afastado dos demais. (ELIADE, 1998:52). Durante este tempo, enquanto perdura o estado de transe, o xamã iacuto tem a sensação de que seus membros são arrancados e separados uns dos outros e sua carne é destacada dos ossos. Depois dessa operação, o seu corpo é reconstituído e todos os ossos são reunidos e religados com ferro. (ELIADE, 1998:52). Trata-se, no fundo, de um fenômeno que clama por uma renovação corporal, caracterizada por um aprimoramento corporal, uma vez que o xamã tem a percepção de que seus ossos foram reconectados com ferro, o que o faz ter a sensação de que seu corpo saiu fortalecido após a experiência mística.

---

<sup>6</sup> Contribuiu para esta pesquisa uma resenha da obra de Mircea Eliade, intitulada *O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase: Eliade revisitado*, de autoria de Pedro Peixoto Ferreira, de 2003. In: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com>

A Experiência de transformação na estrutura corporal durante o êxtase visionário era uma das características principais do misticismo judaico, copiosamente atestado nos pseudoepígrafos judaicos, muitos antes da era cristã. Consoante Jonas Machado (2009), a ideia de que a visão de Deus decorre de uma transformação corporal do visionário para um estado chamado de *angelomórfico* (sic) é encontrada em vários lugares da literatura apocalíptica, com o corpo do visionário sendo metamorfoseado em fogo ou luz. Ainda segundo Jonas Machado, tal transformação é requisitada porque dentro do pensamento místico judaico, a viagem celestial em meio à incandescência e esplendor celeste não seria possível num corpo comum.<sup>7</sup> (MACHADO, 2009:84).

Concluimos que com o seu estado mental alterado, a pessoa extasiada aparenta demonstrar uma resistência física fora do normal que, com certeza, deve ter intrigado e fascinado os pagãos (eles também embriagados pelo fetichismo militarista de fortalecer e armar o corpo) que tomavam conhecimento dos rituais cristãos, despertando neles a vontade de também experimentar este dom.<sup>8</sup>

O apreço e a estima pela resistência física e muscular, típica do combatente, fica evidente no trecho abaixo do autor romano Vegécio (século IV d.C.), quando o mesmo louva os dotes físicos dos recrutas selecionados para a batalha:

Os destinados ao trabalho de Marte (as artes guerreiras) deveriam possuir: olhos vigilantes, cabeça erguida, peito largo, ombros musculosos, braços fortes, dedos bem longos, estômago pequeno, ancas bastante estreitas, pernas e pés despojados de gorduras e fortalecidos pela dureza dos músculos. Quando se reconhecerem estes sinais num recruta, não se deve procurar muito uma elevada estatura. Com efeito, é mais útil que os soldados sejam fortes do que altos. (VEGÉCIO. Compêndio da Arte Militar. I, VI)

Entretanto, o porte atlético do guerreiro somente é eficaz quando o seu corpo é submetido a mais rigorosa das disciplinas, que o adestram e o transformam numa verdadeira máquina de combate:

Contra tudo isso foi útil escolher habilmente o recruta, foi útil ensinar as regras das armas, foi útil fortificar pelo exercício diário, foi útil antecipar em trabalho de campo tudo o que pode acontecer na linha de batalha e nos combates e foi útil castigar severamente a negligência. (...) E, na verdade, nas disputas bélicas, um reduzido número de homens exercitados está mais apto para a vitória, enquanto a multidão rude e inculta está sempre exposta ao massacre. (VEGÉCIO. Compêndio da Arte Militar. I, I)

---

<sup>7</sup> São numerosos os textos apocalípticos que descrevem a transformação corporal do visionário durante suas viagens celestiais: o Primeiro, Segundo e Terceiro Livros de Enoque (redigidos em épocas diferentes), o Apocalipse de Sofonias, o Livro da Ascensão de Isaias e alguns dos manuscritos de Qumrã são apenas alguns exemplos.

<sup>8</sup> Nisto, o mitraísmo se tornará um forte concorrente do cristianismo. Mitra era essencialmente uma divindade guerreira que estava sempre travando combate com as forças do mal. Por esta razão, ele era particularmente venerado pelos soldados romanos.

Ao melhorar a disciplina, Domício Córulo resistiu aos partos com uma força de apenas duas legiões e poucos auxiliares. Alexandre da Macedônia conquistou o mundo face às inúmeras forças dos inimigos, beneficiando-se dos quarenta mil homens que tinham sido longa e exemplarmente disciplinados pelo seu pai, Filipe. (...) Quando Xerxes foi desafiado pelos trezentos espartanos das Termópilas e teve a maior dificuldade em destruí-los, declarou que fora enganado, pois apesar de possuir um grande número de soldados, não tinha homens a sério, que aderissem à disciplina (FRONTINO. Estratagemas. IV, II)

Disciplina, tenacidade, resistência corporal e apelo a uma imagética belicista. Características que se faziam presentes tanto no modo de vida apregoado por Paulo e seguido à risca pelos demais cristãos, quanto no imaginário militarizado dos povos sob dominação romana. Conforme podemos constatar, estavam estabelecidas as condições que faziam os pagãos prestar atenção ao que os cristãos tinham a dizer. Os primeiros cristãos conseguiam assim os receptores para sua mensagem. A correia de transmissão estava pronta para funcionar.

#### **Conclusão:**

A questão da militarização foi um aspecto cultural que pautou o *modus vivendi* dos milhares de súditos sob o domínio da Roma imperial e seria impossível que ela não afetasse também a vida dos primeiros cristãos, produzindo efeitos na sua experiência religiosa. O fetiche da militarização contribuiu para formatar o *kerygma* cristão. Entretanto, a maneira como este fetiche foi ressignificado por esses cristãos e (re)apresentado para o outro (o não cristão), seja no modo como as curas e exorcismos eram operados, seja na postura corporal e comportamental adotada; constituiu uma ponte para o diálogo entre os cristãos primitivos e os elementos externos, que reconheceram no modelo cristão um *ethos* que lhes era familiar e, assim, puderam se identificar com ele. A identificação conduziu a uma aproximação e esta, por sua vez, facilitou o proselitismo cristão, possibilitando que o cristianismo angariasse adeptos de forma contínua e ininterrupta.

#### **Documentação:**

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Trad. de GIRAUDO, Tiago (5ª ed.). SP: Paulus, 1996.  
FRONTINO. Estratagemas. Trad. Miguel Mata. Lisboa: Sílabo, 2005.  
VEGÍCIO. Compêndio da Arte Militar. Trad. J.G. MONTEIRO e J. E. BRAGA. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

#### **Bibliografia:**

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. RJ: Bertrand Brasil, 2011.

CHEVITARESE, André L. **Amuletos, Salomão e Cultura Helenística**. In: CHEVITARESE, André L. & CORNELLI, Gabrielle. **Judaísmo, Cristianismo, Helenismo: ensaios sobre interações culturais no Mediterrâneo antigo**. Itu: Otoni Editora, 2003, pp. 78-89.

ELIADE, Mircea. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. SP: Martins Fontes, 1998.

FERREIRA, Pedro Peixoto. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase: Eliade revisitado**. In: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com>, 2003, pp.1-23.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. RJ: Graal (2ª. edição), 1981.

MACHADO, Jonas. **O misticismo apocalíptico do apóstolo Paulo: um novo olhar nas Cartas aos Coríntios na perspectiva da experiência religiosa**. SP: Paulus, 2009.

MARQUES, João Marcos A. **O exército romano e as representações do deus Mitra: possibilidades interpretativas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2017.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **Experiência religiosa e crítica social no cristianismo primitivo**. SP: Paulinas, 2003.

SOUZA, Rafael de Abreu. **Miles et paganus: apontamentos acerca dos efeitos do exército romano sobre as populações locais**. In: [www.cerescaico.ufrn.br/mneme](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme), ano XI, vol. 5, 2004, pp. 445-466.

ZÉTOLA, Bruno M. **Triunfos militares e legitimação de poder na antiguidade romana**. Revista Métis, Universidade Caxias do Sul. Vol. 5, nº. 10. In: [www.ucs.br/index.php/metis/article/view/1361/960](http://www.ucs.br/index.php/metis/article/view/1361/960), 2006, pp. 35-59.